Dia 3 — São Gerardo, Abade de Brogne

Martirológio Romano

São Cândido, mártir, em Roma, junto à porta maior. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos mártires Dionísio, Fausto, Caio, Pedro, Paulo e outros, os quais, tendo padecido muitos trabalhos no império de Décio e tendo sido depois longamente atormentados por ordem de Emiliano, presidente, mereceram a palma do martírio no tempo de Valeriano.

Os dois santos Ewaldos, mártires, na antiga Saxônia; os quais, sendo presbíteros e pregando ali a fé católica, foram presos pelos pagãos, que os mataram: uma grande luz que apareceu por muitas noites consecutivas deu a conhecer o lugar onde estavam os corpos destes Santos e de quanto mérito era para com Deus seu martírio. (O rei Pepino os mandou trasladar a Colônia, onde se conservam.)

São Maximiano, bispo de Bagaia, na África, o qual foi duas vezes atormentado pelos Donatistas; finalmente, tendo-o precipitado de uma torre muito alta, deixaram-no por morto; contudo sobreviveu algum tempo e, esclarecido por sua gloriosa confissão, morreu no Senhor.

São Hesíquio, confessor, na Palestina, discípulo de São Hilarião e seu companheiro nas peregrinações.

São Gerardo, abade, em Flandres, na diocese de Namur. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Gerardo, Abade de Brogne

São Gerardo, filho de Stancio, parente muito próximo de Haganão, duque da Austrásia inferior, e de Plectrudes, irmã de Estêvão, bispo de Liège, nasceu ao mundo pelo fim do século IX. Conheceu-se bem desde o berço que o céu o havia prevenido com suas mais doces bênçãos; porque seu belo natural, sua inclinação à virtude, sua modéstia e sua docilidade foram presságio da eminente santidade a que com o tempo havia de chegar. Deu-se-lhe uma educação correspondente aos meninos de sua esfera; mas sua virtude foi sempre muito superior à idade. Nunca se desmentiu

nem nos estudos nem nos demais exercícios de sua vida. Evitou sempre com o maior cuidado tudo o que podia manchar aquela sua virginal pureza, que se conservou tão limpa entre os perigos da corte como entre as defesas do claustro. Sua modéstia continha até os mais dissolutos; e qualquer palavra livre enchia seu modesto semblante de acanhamento e rubor.

Seus pais fizeram-no seguir desde muito jovem a carreira das armas, que parecia a vocação ordinária dos moços de sua esfera. Reputava-se então a corte de Berengário, conde de Flandres, por a mais brilhante de toda a Europa; e foi enviado a ela Gerardo para instruir-se nesta escola. Tardou pouco em distinguir-se nela por todas as belas prendas que o adornavam; por aquele espírito vivo, afável, brilhante e naturalmente cortesão; mas singularmente por sua prudência e extraordinária sensatez. Não se havia visto em muito tempo cavaleiro moço mais cabal nem mais cristão. A corte, ordinário escolho da inocência, serviu só para dar novo realce à sua. Não omitiu nenhum de seus santos exercícios e de tal maneira soube unir as preeminências de seu nascimento com as obrigações de sua religião que seus virtuosos e urbanos modos honravam sua devoção, e sua devoção aumentava muito o esplendor a seu ilustre nascimento.

Portou-se Gerardo com tanta prudência na corte de Namur que o Conde o introduziu em todos os seus conselhos e lhe entregou toda a sua confiança. Ao voltar um dia da caça encontrou, a três léguas de Namur, num sítio chamado Brogne, uma capelinha que Pepino havia mandado edificar. Entrou nela a fazer oração e, fatigado do muito que havia corrido, ficou adormecido e teve um sonho em que lhe pareceu ver o apóstolo São Pedro, que lhe mandava erigir naquele mesmo sítio uma igreja e enriquecê-la com as relíquias de seu discípulo Santo Eugênio, mártir. Despertou, e o misterioso sonho deu-lhe muito em que discorrer, porque nem jamais havia ouvido nomear Santo Eugênio, nem muito menos sabia onde paravam suas relíquias. Contudo, como aquele terreno era seu, edificou nele uma magnífica igreja e fundou algumas capelanias para que fosse melhor servida.

Por este tempo ofereceu-se ao conde de Namur certo negócio de grande importância, que se havia de tratar com o príncipe Roberto, e para manejá-lo enviou Gerardo à corte da França. Logo que chegou a Paris, deixando ali seus criados, foi-se só ao mosteiro de São Dionísio para lograr nele alguns dias de retiro. Assistindo um dia aos divinos ofícios que cantavam os monges, observou que entre os patronos do mosteiro faziam comemoração de Santo Eugênio, mártir, e esta casualidade trouxe-lhe à memória o sonho que havia tido em sua igreja de Brogne. Informou-se dos mesmos monges de quem era aquele Santo Eugênio; e dizendo-lhe que havia sido um discípulo de São Pedro que teve a ventura de derramar seu sangue pela fé de Jesus Cristo e que seu corpo se venerava naquele mosteiro, referiu a alguns religiosos o que lhe havia sucedido e o que havia sonhado, manifestando vivos desejos de lograr aquela relíquia para enriquecer com ela sua igreja de Brogne; mas os monges deram-lhe a entender que não estavam de humor de fazer-lhe semelhante presente e que o mosteiro nunca se privaria de tão inestimável tesouro. Como nada pôde conseguir, voltou a Paris e, terminada sua negociação com o príncipe Roberto, retirou-se a dar conta dela a Berengário, sem perder as esperanças de lograr algum dia a desejada relíquia.

Enquanto esteve retirado no mosteiro de São Dionísio, fez-lhe tanta impressão o sossego e a felicidade da vida religiosa, e ficou tão edificado do que havia visto praticar os monges, que saiu com desejos de deixar o mundo e de voltar ao mesmo mosteiro para passar nele o resto de seus

dias. Ainda que o estado em que se achava era tão tentador; ainda que as esperanças que lhe prometiam seu nascimento, suas raras prendas e seu valimento na corte eram tão lisonjeiras, o vazio dos bens aparentes, a brevidade da vida e o pensamento da eternidade avivavam cada dia mais seus desejos de retiro, aumentando o tédio que lhe causavam todas as coisas do mundo. Sendo tão estreita a amizade que o Conde e ele professavam, pareceu-lhe que não devia ocultar-lhe seus intentos e assim abriu-se com ele, declarando-lhe que, não havendo no mundo negócio que lhe interessasse tanto como o de sua salvação, estava resolvido a voltar as costas àquele para dedicar toda a sua atenção a este. Movido e até pasmado o conde de Namur ao ouvir tão santa e tão generosa resolução, só lhe respondeu com suas lágrimas; e como era um príncipe muito piedoso, não se quis opor à vontade do Senhor e a uma vocação tão assinalada. Obtida, pois, sua licença, foi Gerardo despedir-se de seu tio, o bispo de Liège, e depois partiu para São Dionísio. Já se deixa discorrer o gozo daquela célebre comunidade quando recebeu em seu seio um sujeito tão ilustre. Tomou Gerardo a cogula de São Bento, e toda a sua aplicação foi aperfeiçoar-se na profissão da vida monástica. Muito desde logo se distinguiu tanto no mosteiro como se havia distinguido na corte. Mal contava dois meses de noviço e já o propunham aos demais religiosos como um perfeito modelo. À vista de sua humildade, de sua modéstia, de sua pontual observância, de sua mortificação e de sua virtude, parecia terem revivido nele os Mauros e os Plácidos. Depois de sua profissão aprendeu a ler e andava com a cartilha na mão como se fosse um menino de cinco anos; mas adiantou tanto em pouco tempo que os superiores o obrigaram a receber as ordens menores, ainda que custou longo combate para vencer sua humildade. Também puderam rendê-lo a receber o diaconato; mas foi preciso condescender com ele, dando-lhe cinco anos de prazo para dispor-se a ordenar-se sacerdote.

Sua virtude recebeu novo esplendor com o ministério do altar. Ocupado seu coração com uma magnífica ideia do sacerdócio de Jesus Cristo, desempenhou esta sublime dignidade com uma inocência e com uma pureza de vida que se aproximava muito da dos Anjos. Impôs-se a si mesmo a lei de celebrar todos os dias o santo sacrifício da missa e cada vez o fazia com novo fervor, manifestando a devoção e o terno amor que professava a Jesus Cristo nas lágrimas que derramava, sem secar-se nunca o copioso manancial.

Mas, enquanto isso, não se lhe apartava da memória a visão que havia tido na capela de Brogne, nem se havia extinguido em seu coração o desejo de enriquecê-la com o corpo de Santo Eugênio. Fez a proposição ao capítulo e referiu na presença de todos os monges quanto lhe havia sucedido, sem omitir o que o Apóstolo lhe havia mandado naquele sonho. Falou com tanta eloquência, com tanta eficácia e com tanta moção que todos os monges, como por outra parte o estimavam e o veneravam tanto, condescenderam com seus ansiosos desejos.

Tendo, enfim, conseguido o Santo o que havia ansiosamente desejado por tão largo tempo, voltou a seu país carregado daqueles santos preciosíssimos despojos e colocou o corpo do santo Mártir em sua igreja de Brogne, com outras muitas relíquias que também lhe haviam presenteado em São Dionísio, cuja trasladação se fez com grande solenidade no dia 18 de agosto de 930; e a multidão de milagres que obrou depois o Senhor atraiu a devoção e o concurso dos fiéis. Com este concurso excitou-se a emulação ou os ciúmes dos curas do contorno e incomodou-se a ociosa preguiça dos capelães que o Santo havia deixado para o serviço da igreja. Foram tantas as queixas que chegaram ao bispo de Liège contra aquela nova devoção que determinou aboli-la; mas

imediatamente caiu em uma grave e perigosa enfermidade e, reconhecendo sua falta, recobrou a saúde por intercessão de Santo Eugênio. Mal edificado São Gerardo da indevoção de seus capelães, despediu-os e em seu lugar chamou os monges de São Bento, sendo este o princípio do célebre mosteiro de Brogne.

Apesar da repugnância que o Santo tinha a todo gênero de superioridade, viu-se precisado a encarregar-se do governo do novo mosteiro. Estabeleceu nele a regra e a disciplina de São Bento em toda a sua pureza; mas como o interrompesse demasiado em seu recolhimento o muito concurso da gente e não pudesse conseguir do bispo de Liège que lhe admitisse a demissão de seu emprego, mandou fabricar uma cela separada, onde vivia como recluso, para conversar mais a seu salvo com Deus em perfeita solidão. Eram para ele como precursoras das delícias do céu as doçuras que gozava na quietude de sua contemplação; mas chamava-o a vida mais ativa a divina Providência.

Havia em Hainaut certa comunidade de cônegos regulares com o título de São Ghislain, que se havia relaxado um pouco com o discurso do tempo. O bispo de Cambrai, a solicitação de Gisleberto, duque de Lorena, determinou reformá-la e pareceu-lhe que não podia encontrar sujeito mais a propósito para o intento que nosso São Gerardo. Mas não era fácil reduzi-lo a que deixasse o sossego e o retiro de sua cela. O Santo alegou razões e valeu-se de rogos e de lágrimas para que se lhe escusasse aquela nova carga; mas foi-lhe preciso obedecer, e nem sequer se lhe permitiu que entretanto se lhe aliviasse do governo de seu mosteiro de Brogne, encarregando-se a outro interinamente: tão persuadidos estavam todos de que bastava seu nome só para manter a reforma em todo o seu vigor. Chegando a Ursidung (assim se chamava o sítio onde estava o convento de São Ghislain), deu princípio despedindo os cônegos e chamando a ele alguns de seus monges. Logo começou a florescer nele a disciplina monástica; e o espírito de São Bento, que tinha tão embebido em si o santo reformador, resplandeceu imediatamente com tanto fervor em Ursidung como em Brogne. Introduziu nele, mais com seus exemplos que com suas exortações, uma observância exemplar, uma mortificação sem limites e o espírito da mais estreita pobreza; de maneira que o mosteiro de São Ghislain começou a ser a admiração de toda a Flandres, e lançou Deus tão descobertamente a bênção a seus trabalhos que a maior parte dos bispos e dos príncipes vizinhos o desejaram para reformar os mosteiros de sua jurisdição, que haviam decaído da observância regular. Viu-se em precisão de sacrificar às funções da caridade sua inclinação ao retiro, não lhe permitindo seu zelo negar-se às necessidades espirituais de muitas comunidades, que verdadeiramente estavam necessitadas de reforma. Então se palpou com admiração quanto pode a virtude quando está animada de um zelo legítimo e verdadeiro. Tomou São Gerardo sobre si o governo de todos os mosteiros de Flandres, a instâncias do conde Arnulfo, chamado o Grande, a quem havia curado milagrosamente do mal de pedra, movendo-o também a fazer vida penitente o resto de seus dias.

Assim pelo número dos mosteiros que haviam decaído de seu primitivo espírito como pela qualidade dos monges, que era preciso reformar, representava-se empresa pouco menos que impossível. Contudo, nosso Santo levou-a a cabo com a maior felicidade. Em menos de vinte anos estabeleceu a reforma em dezoito mosteiros, vendo-se reflorescer o fervor e a mais exata disciplina nos mosteiros de São Pedro o Grande (de Gante), de Bavão, de São Martinho de Tournai, de Marchiennes, de Hasnon, de Ronay, de São Vaast em Arras, de Thourout, de Wormhout, de São

Riquier, de São Bertino, de São Silvino, de São Omer, de Santo Amando, de Santo Amado de Douai e de Santa Berta.

E se é verdade que é negócio mais árduo reformar um mosteiro que fundá-lo, que suores, que desgostos, que dissabores, que fadigas e que trabalhos não lhe custaria uma reforma tão geral! Verdadeiramente causa admiração que um homem só fosse bastante para recolher tão abundante messe. Não foram somente estes dezoito mosteiros (os quais todos veneram a São Gerardo como a seu abade) os que se aproveitaram de suas gloriosas fadigas; clamaram pelo santo reformador a Lorena, a Champanha e a Picardia, aonde acudiu prontamente São Gerardo e introduziu tão breve e tão felizmente a reforma que os mosteiros de Mouzon, Thin, Moutiers e São Remígio de Reims o reconhecem como restaurador da religião de São Bento e o veneram como seu segundo patriarca.

Ainda que tantos e tão penosos trabalhos, acrescentados a suas rigorosas penitências, haviam quebrantado muito sua saúde e debilitado extraordinariamente suas forças, empreendeu a viagem a Roma, não obstante sua avançada idade, para solicitar que o Papa confirmasse todas as suas reformas; e na volta visitou todos os mosteiros que estavam a sua direção. Fez depois demissão desta e foi encerrar-se em sua celinha de Brogne, entregando-se inteira e unicamente ao pensamento da eternidade. Era sua oração uma contínua contemplação e nas íntimas e doces comunicações que tinha com seu Deus aquela grande alma dispunha-se pelo exercício de um puríssimo amor para ir receber no céu a devida recompensa. Toda a vida havia professado uma terna devoção à santíssima Virgem, diante de cuja imagem, e na presença de Jesus Cristo no Sacramento do altar, passava em oração noites inteiras. Cumulado, enfim, de merecimentos e cheio de dias, terminou tão santa e tão dilatada carreira com a morte dos justos no mesmo dia 3 de outubro do ano de 959, em que a Igreja celebra sua memória. Cresceu seu culto com os muitos e portentosos milagres que se obraram em seu sepulcro depois dos que havia feito em vida; e seu santo corpo foi elevado da terra no ano de 1131, tomando depois o nome de São Gerardo a igreja de Brogne, e venerando-o por seu tutelar.

Nota do tradutor

Abstém-se o P. Croisset, com aquele grande tento e com aquela judiciosa crítica que costuma, não só de dizer, mas nem sequer de dar a entender remotamente que o corpo de Santo Eugênio mártir, trasladado no décimo século do mosteiro de São Dionísio ao de Brogne, fosse o de Santo Eugênio, arcebispo ou bispo de Toledo, que padeceu martírio em Deuil, da comarca de Paris; mas dá por fato constante que o mosteiro de São Dionísio presenteou a São Gerardo com todo o corpo de Santo Eugênio mártir. Surio não diz que se desse ao santo Abade todo o corpo, mas uma insigne relíquia dele; mas supõe como coisa indubitável que esta relíquia era de Santo Eugênio mártir e bispo de Toledo, cuja opinião adota o P. Ribadeneira na vida do mesmo Santo no dia 13 de novembro. Sabemos todos que no século XII, estando na Espanha Luís VII, rei da França, seu sogro Afonso, igualmente VII, rei de Castela e de Leão, que se chamou imperador, pediu-lhe o corpo de Santo Eugênio, arcebispo de Toledo, que se venerava no mosteiro de São Dionísio de Paris, onde alguns anos antes Raimundo, arcebispo de Toledo, havia lido esta inscrição: «Aqui jaz Santo Eugênio mártir, primeiro arcebispo de Toledo.» Ofereceu-lho o Rei; mas pelas dificuldades e pelas

oposições que encontrou nos monges de São Dionísio, como diz o P. d'Orléans (liv. 2 das *Revoluções da Espanha*, ano de 1152), não pôde enviar-lhe mais que o braço direito. Isto prova que o corpo de Santo Eugênio, arcebispo de Toledo, estava ainda no real mosteiro de São Dionísio no século XII e, por conseguinte, que o trasladado a Brogne no século X por São Gerardo foi de outro Santo Eugênio muito distinto. Mas a prova mais concludente e em seu gênero demonstrativa é que as dificuldades que não pôde vencer Luís VII venceu-as Carlos IX no século XVI, fazendo que os monges de São Dionísio tirassem o corpo de Santo Eugênio do mesmo sítio onde o arcebispo D. Raimundo havia lido a inscrição e o entregassem a D. Francisco Manrique de Lara, então cônego de Toledo e depois religioso da Companhia de Jesus, tudo a instância da santa igreja de Toledo e pela real mediação de Filipe II, rei da Espanha, cuja trasladação à referida santa igreja se fez com a mais augusta e majestosa pompa que se viu jamais nesta monarquia, pois levavam a sagrada urna sobre seus reais ombros o Rei, o príncipe D. Carlos, seu filho, e os arquiduques da Áustria, seus sobrinhos.

Destes fatos, que são inegáveis na história eclesiástica da Espanha e da França, infere-se com evidência que a relíquia de Santo Eugênio mártir que se venera na igreja do mosteiro de Brogne, hoje de São Gerardo junto a Namur, não é nem pode ser de Santo Eugênio, primeiro bispo de Toledo, como o quis Surio e o copiou o P. Ribadeneira. Quase duzentos anos depois que saiu do mosteiro de São Dionísio aquela relíquia, na expressão de Surio, ou aquele corpo, na do P. Croisset, estava todo o de Santo Eugênio, primeiro arcebispo de Toledo, na igreja do mesmo mosteiro, como consta da inscrição que leu nela o arcebispo D. Raimundo por ocasião de assistir ao concílio de Reims, que se celebrou no ano de 1119, trinta e três anos depois que se teve na Espanha a primeira notícia deste precioso tesouro que possuía o mosteiro de São Dionísio: isto é, no ano de 1132 ofereceu-o generosamente o rei Luís a nosso imperador D. Afonso, supondo-o no mesmo mosteiro, ainda que não ignorava o Rei a voz que andava entre o vulgo da França (e não podia andar em outra parte) de que o corpo de Santo Eugênio, arcebispo de Toledo, estava no mosteiro de São Gerardo de Namur. Finalmente, mais de quatrocentos anos depois foi autêntica e solenemente entregue o santo corpo pelo abade do mosteiro de São Dionísio a um cônego de Toledo para ser colocado naquela santa igreja, primaz das Espanhas. Assim, pois, não se pode racionalmente sustentar que o corpo de Santo Eugênio que se venera no mosteiro de Brogne, ou de São Gerardo de Namur, seja o de nosso primeiro bispo de Toledo, mas de algum outro dos catorze santos Eugênios mártires de que faz menção o Martirológio Romano.

A isto se acrescenta que, segundo o sonho ou a revelação do apóstolo São Pedro a São Gerardo, o Eugênio com cujas relíquias havia de enriquecer sua nova igreja havia sido discípulo do Apóstolo; e Santo Eugênio, primeiro bispo de Toledo, não foi discípulo de São Pedro, mas de São Dionísio Areopagita, como o diz a Igreja. Se São Gerardo tivesse enriquecido sua igreja com as relíquias deste, não se teria conformado com a revelação.

Finalmente, estando o corpo do grande São Dionísio Areopagita no célebre e real mosteiro que se honra com seu nome, apesar das dúvidas que têm querido suscitar alguns sábios críticos destes últimos tempos, ainda dentro da mesma França, atropelando a antiquíssima tradição de mais de doze séculos e o unânime consentimento da Igreja grega e latina, e tendo sido Santo Eugênio o principal discípulo daquele insigne Santo, era consequente que, depois do sagrado corpo de seu santo patrono, nenhum outro venerasse nem apreciasse mais aquele real mosteiro que o de seu

amado discípulo. Sendo isto assim, nem um homem tão cordato e tão prudente como São Gerardo teria valor para pedir-lho, nem é verossímil que aquela gravíssima comunidade tivesse a condescendência de concedê-lo, especialmente que, sendo fundação real o mosteiro e sepulcro dos reis cristianíssimos da França, era indispensável o consentimento do Rei para aliená-lo.

Acrescenta muita força a esta reflexão o que efetivamente sucedeu com o mesmo rei Luís VII; pois, tendo empenhada sua real palavra com o rei de Castela, D. Afonso, de que lhe enviaria o corpo de Santo Eugênio, primeiro arcebispo de Toledo, achou tanta resistência e tanta dor nos monges que houve de ceder e desistir em parte de seu intento, contentando-se com enviar ao rei de Castela o braço direito do santo Arcebispo. Quem há de crer que duzentos anos antes conseguisse daquela comunidade, com só sua eloquência e representação, um indivíduo dela o que não pôde lograr depois com toda a sua autoridade e com todo o seu poder o empenho do Monarca? Logrou-o, enfim, o de Carlos IX e o de sua mãe, a rainha Catarina de Médici, regente do Reino, pelas críticas circunstâncias em que este se achava e precisavam a contemporizar, ainda em pretensões mais árduas, com o rei da Espanha, Filipe II.

Pareceu ao tradutor que devia prevenir os leitores com esta nota, mais prolixa do que leva de seu o caráter da obra, porque, dizendo o P. Croisset por uma parte que o corpo de Santo Eugênio mártir está no mosteiro de Brogne, hoje São Gerardo de Namur, e assegurando por outra Ribadeneira com Surio que a relíquia que se venera no mosteiro de Bronio (assim o chama este autor) é de Santo Eugênio, primeiro arcebispo de Toledo, não o tentasse a algum crítico dos muitos que hoje se usam a disputar a nossa grande primaz a posse do verdadeiro corpo de seu primeiro prelado e pastor; pois ainda que ninguém terá ousadia para negar a majestosa e verdadeiramente augusta trasladação que se celebrou no tempo de Filipe II, pode em algum chegar o arrojo a querer compô-lo tudo com dizer que a França nos embocou o corpo de um outro qualquer Santo Eugênio pelo do primeiro arcebispo de Toledo. Na verdade, a arrogância seria temerária; mas será por isso sem exemplo?

São Cândido, Mártir

Neste dia o Martirológio Romano faz comemoração de São Cândido, de quem os escritores de suas atas não nos dizem outra coisa senão que padeceu martírio em Roma, sem assinalar-nos a época; mas se se atende à deposição de seu corpo no cemitério de Urso Piloso, sito no caminho Portuense, cuja construção nos dão anterior ao século III os escritores daqueles piedosos monumentos, devemos inferir o tempo de sua paixão não antes do século II nem depois do IV. O motivo da memória deste Mártir de Jesus Cristo na Espanha é o da trasladação de suas relíquias ao reino, concedidas, com outras de vários Santos, pelo papa Urbano VIII a Frei João da Anunciação, trinitário descalço, para que enriquecesse com elas os mosteiros de sua Ordem; a cujo fim as deu este a Frei Diogo de Jesus, ministro-geral da mesma Ordem, para que as distribuísse, o qual na repartição deu as de São Cândido ao convento de La Solana, na Mancha, onde se lhe tributam o culto e a veneração correspondente.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Gerardo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Gerardi abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade São Gerardo nos torne gratos a vossa divina Majestade, para que consigamos, com sua proteção, o que não podemos por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico (o impresso traz «xux»).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

O Senhor o fez Santo por sua fé e por sua mansidão. A fé regula o espírito e o coração dos Santos; a mansidão governa sua conduta. A severidade seca e amarga nunca foi efeito do cristão e verdadeiro zelo: pelo comum o é de um orgulho disfarçado, que se põe aquela máscara de religião para satisfazer-se a si mesmo à custa da simplicidade e ainda da boa-fé dos simples. Com isto dava em rosto Jesus Cristo aos hipócritas e soberbos fariseus, que ostentavam grande severidade com os outros, lançando-lhes às costas cargas insuportáveis, enquanto eles em segredo se dispensavam nas mais leves observâncias da lei. Este é também o artifício natural de todos os heréticos; nenhum há que não esteja continuamente pregando reforma e que não grite contra a relaxação. Na verdade, a todos engana certo arzinho de severidade; o pecador conhece que tem necessidade de penitência, e o que está verdadeiramente arrependido não gosta de ser adulado. É uma casta de enfermos que, conhecendo seu perigo, estimam o médico ainda que lhes receite remédios dolorosos e violentos. Também são mister alguma vez para as enfermidades da alma; mas é contra o espírito do Salvador o pretender curá-las todas com fogo, com vinho e com vinagre. O caritativo Samaritano misturou e preparou o vinho com óleo. É grosseiro erro confundir sempre a doçura com a relaxação: esta tira a debilitar e a eludir a lei de Jesus Cristo; aquela a solicitar sua observância com amor, tornando-a menos dura. Em todas as partes condena o Salvador a relaxação da doutrina; mas em todas recomenda a suavidade e a mansidão: «Aprendei de mim, que sou manso.» Não houve Santo que não fosse rigoroso e severo consigo mesmo: este é o preceito expresso, aborrecer-se a si próprio: «E até a sua própria vida.» Nada se há de perdoar um a si mesmo. Em nós temos todos matéria e sujeito muito a propósito para exercitar a severidade evangélica. Disto nos deu contínuas e admiráveis lições Jesus Cristo, assim com suas palavras como com seus exemplos. Jejuemos; mas sem aliviar, e quase extenuar, nossos jejuns com cem invenções que a delicadeza, o amor-próprio e a sensualidade, fecunda em expedientes, nos sugerem como necessárias, sendo em realidade meros refinamentos da gula e do regalo. Mortifiquemos nossa carne, e mortifiquemo-la sem misericórdia e sem o vão temor de que nos inutilizaremos; imponhamo-nos penitências proporcionadas e salutares; quando trabalhamos em nosso próprio terreno, não há que temer tanto algum excesso. Mas atemperemo-nos com prudência à fraqueza dos outros. O óleo com o vinho é excelente remédio para as chagas; o vinho só as irrita, mas não as cura. Os amos duros, severos sem compaixão; os tons altaneiros e dominantes; os modos imperiosos e desabridos; o gesto carrancudo e enfadonho, com certos ímpetos de ira ou de impaciência, tornam-nos muito aborrecíveis, mas pouco respeitáveis. A excessiva severidade cansa o sofrimento, aliena o ânimo e encoleriza o coração. Sempre é eficaz a doçura e a mansidão de Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Sobre o mau humor

Primeiro ponto

Considera que o mau humor é, por dizê-lo assim, o inimigo doméstico da tranquilidade do homem, e até se lhe poderia chamar seu caseiro tirano. Causa turbação no espírito, excita tempestades no coração e faz que domine na alma o enfado, o dissabor, a cólera e o furor. Ainda que nem sempre seja violento, nem por isso é menos maligno, e seu ordinário ofício é ser verdugo do coração humano. Que amargura não derrama até no gênio mais aprazível! Escurece os dias mais claros, turba os mais serenos, desterra a urbanidade, a boa criação, a virtude e até a mesma razão. É uma enfermidade que cresce com os anos e, a pouco que se avance a idade, torna-se incurável. Se o mau humor só derramasse seu fel e sua acidez no terreno onde nasce, só prejudicaria a seu próprio dono; mas estende sua malignidade a todos os que estão perto dele. Se se acha num superior ou num pai de famílias, mortifica toda a comunidade e turba toda a casa. Não respeita amizade, sociabilidade, urbanidade; e deste inimigo doméstico vale-se ordinariamente o demônio para armar laços à inocência e à mais sincera virtude. Está um de mau humor; pois faz-se enfadonho aos outros e não pode sofrer-se a si mesmo; e em tempo desta turbação é quando, pelo comum, fazem as paixões seus progressos e seus estragos. Mas não se pense que somente estão sujeitas a este mal as pessoas livres e dissolutas; as mais cordatas, as mais moderadas, ainda aquelas mesmas que fazem profissão de virtuosas não se eximem dele. Aqueles que se chamam devotos são não poucas vezes os que gastam pior humor que os outros; e este seu mau humor costuma ser muito mais agro, mais inquieto, mais enfadonho, mais delicado, mais melindroso e

mais ofensivo que o dos demais; sendo por outra parte incurável, atento a que se mantém com o falso pretexto da glória de Deus, de devoção e de zelo.

É possível, Senhor, que um defeito tão grosseiro, uma paixão tão descoberta, uma enfermidade da alma tão visível não excite nossa indignação, nosso zelo e nossa aplicação? É possível que por tanto tempo, e até por toda a vida, se perdoe a um inimigo doméstico que cada dia se fortifica mais e se faz mais perigoso quanto mais se fortifica? Experimentam-se os funestos efeitos que produz; choram-se suas más consequências; mas que esforços se fazem, que remédios se aplicam para curar um mal que causa tanto dano?

Segundo ponto

Considera que, além dos tristes, dos lastimosos efeitos que produz o mau humor nas pessoas abandonadas a suas paixões e pouco cristãs, não há coisa que mais desacredite a virtude, que faça maior prejuízo à devoção que esta enfermidade da alma. Sendo o mau humor prova evidente de imortificação e de fraqueza, é tão oposto ao conceito que se forma da verdadeira virtude, é tão contrário a seu verdadeiro caráter, que inteiramente se perde a boa opinião que se tinha das pessoas que se deixam dominar dele; porque o mau humor é o sinal mais seguro de uma alma imperfeita e de um coração imortificado. Sempre que se está de mau humor conhece-se que a paixão domina aquele coração fraco, infiel à graça e pouco devoto. Onde há contradição mais extravagante, falta de virtude mais manifesta que ver algumas pessoas ao mesmo acabar de comungar, ao acabar de fazer alguma boa obra, ao mesmo sair do altar, e não poucas vezes no mesmo sacrifício da missa, desabridas, inquietas, alteradas e até coléricas? Que honra produzirá à devoção uma conduta tão irregular? A igualdade de humor sempre inalterável é um privilégio singular e inalienável da verdadeira virtude. Em dependendo do humor a devoção, a prudência, o agrado e o bom modo, já não é virtude nem boa prenda, mas mania e capricho. Nunca deve o espírito estar dependente do humor, nem muito menos ser escravo seu um coração cristão; todos os seus ímpetos e todos os seus movimentos hão de ser sempre dirigidos pela devoção e pelo espírito de Deus. Não se pode negar que o humor é natural e que nem sempre é dona dele uma pessoa: é certo que o mau humor nasce da constituição e do sangue; mas nem por isso está menos sujeito à razão e sobretudo à graça. Nascem conosco as paixões e o amor-próprio; mas por isso mesmo devem ser o objeto de nossa mortificação e a matéria de nossos triunfos. Determinemo-nos a combatê-las; e a graça do Salvador, que nunca nos falta, responderá de sua ruína e de sua derrota. O estar de mau humor é sempre falta de mortificação. Apliquemo-nos a vencer esse natural, essas paixões dominantes, que o trabalho sempre nos será proveitoso e nunca ingrato. Coisa rara! Os gênios mais enfadonhos, os mais desabridos vencem-se, nunca estão de mau humor em presença daquelas pessoas cuja benevolência pretendem captar, cuja graça intentam conseguir para seus interesses e pretensões. Quando há de chegar o caso de que os motivos de religião nos façam tanta força como os respeitos humanos e os motivos naturais?

Dignai-vos, Senhor, conceder-me vossa graça para vencer, para destruir este inimigo doméstico, tão contrário a minha salvação e a minha tranquilidade. Resolvido estou desde este mesmo ponto a dedicar-me inteiramente a combatê-lo e a vencê-lo, esperando consegui-lo com vossa divina

assistência.

Jaculatórias

Meu Deus e meu Salvador, livra-me de minhas paixões, que me põem de tão mau humor. (Sl 1.)

Não permitas, Senhor, que eu me deixe levar do mau humor nem da tristeza. (Eclo 37.)

Propósitos

1. Sempre o mau humor é efeito da imortificação do coração e da desordem da alma. A prova maior de que há pouca virtude é essa alternativa de alegria e de tristeza, de bom humor e de mau temperamento. Porque estejas inquieto e enfadado contigo mesmo, não é razão que se estenda a tempestade aos que tratam contigo. Que culpa têm os demais de que tu não sejas dono de tuas paixões, para que se comunique aos inocentes teu fel e tua amargura? Se tu não podes sofrer-te a ti mesmo, é injustiça e é coisa muito dura que os que não têm parte em tua enfermidade arquem com tuas incomodidades. Se estás sujeito a esses acessos de tristeza, de melancolia e de mau humor, toma os remédios mais convenientes para curar uma doença tão contrária à virtude e até oposta às leis da sociedade e do comércio humano. O mau humor é natural em sua causa, mas sempre é livre em seus efeitos. Se é falta, a deves corrigir; se é paixão, a deves mortificar e vencer. Faz-se incurável porque se contemporiza com ela e porque se a deixa sair com o que quer sem contradizê-la. Logo que conheças que vai apontar o mau humor, faze quanto puderes para domá-lo, para sufocá-lo ou ao menos para que não saia para fora. Nunca te hás de mostrar mais agradável, mais aprazível, mais cortesão nem mais carinhoso que quando estiveres de mau humor.

2. É mau remédio fugir da conversação e do comércio quando se está com má disposição, e não é curá-la, mas fomentá-la e fazê-la mais violenta. Todo o contrário se há de praticar; hão de fatigá-la com o exercício. Nada a debilita mais que as frequentes vitórias. Também a oração é excelente remédio contra esta enfadonha enfermidade. Ela sempre seca a devoção e tira o gosto aos exercícios espirituais: por isso mesmo então, mais que nunca, hás de ser pontualíssimo em todos eles e até convirá que acrescentes alguns mais. Isto doma e debilita maravilhosamente o mau humor.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:14 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:14 by Admin